

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SANTARÉM
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E EM ENSINO DO 1º CICLO DO
ENSINO BÁSICO

A (IN) DISCIPLINA NAS PRIMEIRAS IDADES: SIGNIFICADO E IMPLICAÇÕES
NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PARA A OBTENÇÃO DE GRAU DE MESTRE NA
ÁREA DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E EDUCAÇÃO DO 1º CICLO DO ENSINO
BÁSICO

Ana Cláudia Madeiras Rebelo

120220006

Docente/Orientador:

Professora Maria João Cardona

Escola Superior de Educação de Santarém

Fevereiro de 2015

Agradecimentos

Este é o momento em que quero agradecer a um conjunto de pessoas que me ajudaram durante a realização deste trabalho.

À minha professora e orientadora Maria João Cardona, por estar sempre disponível, por estar sempre presente e por me ajudar a melhorar em todos os aspetos ao longo deste trabalho.

Aos professores e educadores por terem disponibilizado um pouco do seu tempo para responder às questões colocadas.

À minha família, nomeadamente os meus pais, pela força, por nunca me terem deixado desistir nos momentos mais complicados, por simplesmente me terem levado ao lugar que estou hoje.

Aos meus amigos e principalmente ao meu namorado pela paciência, carinho, brincadeiras, por todas as horas e minutos que lhe fico a dever.

A todos, o meu muito obrigada!

Resumo

Palavras-Chave: Disciplina; Indisciplina; Comportamentos; Aprendizagem; Docentes.

Partindo das questões vivenciadas durante os estágios, optei por estudar a (in)disciplina nas primeiras idades e o significado e implicações que esta tem nas práticas educativas. Esta pesquisa teve como objetivos identificar algumas das causas subjacentes aos comportamentos de (in)disciplina assim como a representação que docentes do 1º ciclo do ensino básico e educadoras de infância apresentam sobre estes comportamentos.

Foi também preocupação deste estudo analisar a forma como estes comportamentos afetam o processo de aprendizagem das crianças e o desempenho dos docentes.

O estudo foi feito com duas docentes de 1º ciclo e duas educadoras de infância.

Os resultados indicam, segundo as educadoras e professoras que já existem comportamentos de indisciplina, quer na educação pré-escolar, quer no 1º ciclo do Ensino Básico. Para além disso, os resultados também revelam que este tipo de comportamentos interferem no processo de aprendizagem das crianças.

Abstract

Based on the issues experienced during courses I chose to study (in) discipline at early ages and the meaning and implications that it has on educational practices. This research aimed to identify some of the underlying causes of the behavior (in) discipline as well as representing the 1st cycle of basic education teachers and childcare workers have about these comportments.

It was also concern of this study is to analyze how these behaviors affect the learning process of children and the performance of teachers.

The study was done with two teachers of 1st cycle and two kindergarten teachers.

The results indicate, according to the educators and teachers who are already disruptive behaviors both at the pre-school education, either in the 1st cycle of Basic Education. Furthermore, these results also show that this type of behavior interfere with the learning process of the children.

For teachers, these disruptive behaviors interfere equally in performance and could even lead to demotivation and discouragement thereof

Índice

AGRADECIMENTOS.....	2
RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
INDICE.....	5
INDÍCE DE FIGURAS.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I.....	9
1. Contextos de estágio.....	10
2. Percurso de desenvolvimento profissional e investigativo.....	28
CAPÍTULO II.....	35
• Objetivos	36
• Enquadramento teórico.....	37
• Opções metodológicas.....	43
• Recolha e análise de dados.....	44
• Caracterização da amostra estudada.....	47
• Reflexão final.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
ANEXOS.....	57
I. Entrevistas realizadas.....	58

Índice de Figuras

Figura I – “Um presente de natal.....	14
Figura II – Representação gráfica sobre a partilha.....	14
Figura III- Pintura da árvore de pintura na árvore.....	15
Figura IV – Ilustração dos feitos para a árvore de natal.....	15
Figura V – Atividade no exterior.....	21
Figura VI – Exploração livre do tangram.....	22
Figura VII – Recorte do Tangram.....	22
Figura VIII – Arredondar à dezena de milhar.....	25
Figura IX – Diagrama de caule e folhas.....	26

Introdução

No âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, foi solicitada a elaboração de um Relatório de Estágio que vise o desenvolvimento de uma resposta a uma questão problema sentida durante os estágios realizados. Neste contexto foi realizada uma pesquisa sobre: “*A (in) disciplina na educação pré-escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico: possíveis implicações nas aprendizagens das crianças e no desempenho docente*”.

O problema de indisciplina nas escolas não é de todo um fenómeno de hoje. No entanto, este problema não tinha a visibilidade na sociedade que tem nos dias de hoje. Devido ao desenvolvimento do conhecimento da sociedade e da própria escola, este fenómeno deixou de ter a sua privacidade de antigamente e começou a ganhar “voz” a partir das novas tecnologias. Os vários acontecimentos ocorridos na escola que ficavam presos à mesma, transferem-se muito rapidamente para o mundo da internet, televisão, rádio entre outros e começam assim a tornarem-se públicos.

Deste modo, a indisciplina “tem assumido uma dimensão crescente no panorama educativo, em função das transformações da sociedade e da própria escola” (Jorge, 2002. p.2)

Vários autores afirmam que o desenvolvimento da indisciplina se vem tornando num “dos maiores problemas da escola” (Afonso, 1999, p.1), podendo assim contribuir “para uma crescente imagem negativa da escola, afligindo pais e professores dos diversos graus de ensino” (Amado, 2000, p.5). Desta forma, encarregados de educação, pais e docentes muitas vezes tentam encontrar explicações para a presença da indisciplina em sala de aula.

Assim sendo, e em modo de compreensão ao que já foi dito anteriormente, surgiram várias questões que orientaram este estudo:

- Até que ponto já existem situações de indisciplina na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico?
- Como entendem as docentes destes níveis de ensino estes comportamentos de indisciplina?
- Os comportamentos de indisciplina afetam o processo de aprendizagem e o desempenho docente? De que forma?

Este relatório está dividido em dois capítulos.

O primeiro capítulo apresenta os estágios realizados ao longo do curso e o meu percurso de desenvolvimento e aprendizagem profissional. Esta reflexão está na base do estudo que acabei por desenvolver.

No segundo capítulo, é apresentada a pesquisa realizada sendo apresentados a problemática e os objetivos deste trabalho, assim como as opções metodológicas escolhidas para a recolha e análise dos dados. A fundamentação teórica que realizei procura a pesquisa, a partir da Literatura da especialidade está organizada da seguinte maneira:

- ✓ Definição de (in) disciplina;
- ✓ A indisciplina e a aprendizagem;
- ✓ A (in)disciplina e o desempenho docente.

No final deste segundo capítulo é feita a apresentação da análise dos dados e são analisadas as principais conclusões da pesquisa, em que como o próprio nome indica, apresento e analiso os dados recolhidos através das entrevistas realizadas. É neste capítulo que procuro identificar a existência ou não de comportamentos de indisciplina no pré-escolar e no primeiro ciclo do ensino básico, de acordo com os dados recolhidos.

Para terminar são apresentadas as considerações finais. Estas procuram ser uma conclusão da pesquisa realizada assim como uma reflexão do trabalho desenvolvido durante os estágios.

Capítulo I

1. Contextos de estágio

Os contextos institucionais onde decorreram os meus estágios ao longo do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo foram realizados em jardim de infância, com crianças de idades compreendidas entre os três e quatro anos, numa escola de 1º ciclo com crianças de 1º ano e o último decorreu num centro escolar, com uma turma de 3º ano.

➤ Educação Pré-escolar

Caracterização da instituição

Realizei este estágio em jardim-de-infância, na instituição CSS que se localiza em São Domingos, Santarém. Caracteriza-se por ser uma instituição relativamente nova, com boas condições e bastante acolhedora.

As salas são bastante amplas, com muitas janelas o que dá uma excelente iluminação. Tem três salas de creche e três salas do Jardim de Infância em que cada vertente tem uma casa de banho.

Caracterização do grupo

O grupo era constituído por vinte e duas crianças, de idades compreendidas entre os três e quatro anos, em que oito são rapazes e doze são raparigas.

As crianças eram bastante autónomas, precisando apenas de auxílio nas situações mais complicadas para a própria idade, como “dar um nó nos atacadores”, e em alguns casos auxílio na higiene pessoal, no entanto realizavam a sua rotina diária muito facilmente.

Em termos de linguagem, apenas uma criança (rapaz) tinha algumas dificuldades o que implicava estar a ser acompanhado pela terapia da fala. Para além disso, tinha outras dificuldades referidas pela educadora que impede ter um desenvolvimento como as outras crianças e devido a isso também era acompanhado pela terapia ocupacional e estava envolvido no projeto de Intervenção precoce.

Para além desta criança, existiam ainda mais duas que estavam referenciadas no projeto de intervenção precoce, aguardando assim a avaliação do diagnóstico feito. Porém muitas vezes estavam presentes em sessões com a educadora de Ensino Especial.

No geral era um grupo simpático, aceitando e interagindo nas atividades que planificava. No entanto, e principalmente as três crianças que referi anteriormente, tinham dias um pouco mais agitados, com algumas dificuldades em cumprir regras, agredindo por vezes outras crianças o que por vezes levava a destabilização do grupo.

Uma destas três crianças, por vezes colocava em causa a minha autoridade na sala, não querendo várias vezes realizar as atividades, ignorando o que lhe solicitava.

Ao longo deste meu estágio observei que estas crianças interessavam-se bastante por histórias, e partindo deste aspeto iniciava assim os vários conteúdos que queria desenvolver com as crianças.. Para além disso envolvia as crianças na conversa de grupo, realizando questões e estando muitas vezes mais focada nessas três crianças, o que se notou uma evolução em termos comportamentais, pois notei as crianças mais calmas e interessadas.

Caracterização do ambiente educativo

O grupo era bastante acessível, aceitando e interagindo nas atividades que planificava. Por vezes as três crianças que referi anteriormente, tinham dias um pouco mais agitados, com algumas dificuldades em cumprir regras, agredindo por vezes outras crianças o que por vezes levava a destabilização do grupo. No entanto ao longo deste meu estágio observei que estas crianças interessavam-se bastante por histórias, e basicamente foi por onde comecei para iniciar os “temas” novos. Para além disso envolvia as crianças na conversa de grupo, realizando questões e estando muitas vezes mais focada nessas três crianças, o que se notou uma evolução em termos comportamentais, pois notei as crianças mais calmas e interessadas.

Nas primeiras semanas de estágio, notava que quando as três crianças que já referi anteriormente não estavam presentes na sala, por estarem com a educadora de educação especial ou por estarem a faltar, o ambiente tornava-se um pouco mais calmo, sem conflitos, e sem muita agitação visível nas crianças, facilitando assim a minha intervenção, porém neste momento que já terminei o estágio, reflito que mesmo com as crianças presentes na sala a minha intervenção tornou-se bastante melhor sem qualquer receio de algo, daí concluir que as crianças estavam mais adaptadas ao meio que as rodeia e da minha parte, mais segurança em gerir um grupo.

As crianças aderiram muito a histórias, canções e jogos, tornando-os muito mais calmos e por consequência penso que desenvolveram muito mais as suas aprendizagens, do que propriamente com certas atividades mais individuais de trabalhos manuais, que as crianças queriam realizar tudo muito rapidamente por observarem os outros a brincar, ficando assim sempre com o sentido da brincadeira.

Projeto curricular de turma e projeto de escola

Tanto o projeto da Escola bem como o projeto curricular de turma ainda estavam a ser definidos, porém tive conhecimento que o projeto de Escola tinha como tema “Educar para a vida” cujo a sua principal prioridade se referia a responder às necessidades dos grupos de crianças e consequentemente educando para a vida (Projeto Educativo da Instituição).

O projeto curricular de turma tinha como tema “ O respeito pela diferença”, não se relacionando apenas pelas várias etnias mas também respondendo a questões de género e a crianças com Necessidades Educativas Especiais.

Como já referi, tanto o projeto da Escola como o projeto curricular de turma ainda estavam a ser desenvolvidos, pelo que não tive oportunidade de observar e analisar os projetos, não tendo bases suficientes para me referir aos mesmos.

Projeto desenvolvido pela estagiária

Neste primeiro estágio, elaborei um projeto onde tive em conta o grupo de crianças a que este se destinava, a faixa etária, a instituição e a valência educativa.

Os pontos em destaque do meu projeto incidiram na área da formação pessoal e social, não afastando as outras áreas de desenvolvimento.

Na área de formação pessoal e social pretendia-se que a criança adquirisse espírito crítico e deste modo promover nas crianças atitudes e valores que lhes permitissem tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução de problemas da vida. Um outro fator importante para trabalhar esta área, segundo as orientações curriculares, decorre da *perspetiva que o ser humano se constrói em interação social*. É no contexto social que a criança vai construindo referências que

lhes permitem entender o que está certo e o que está errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e com os outros.

A razão pela qual optei por destacar esta área de conteúdo deve-se ao facto de ter contactado com um grupo bastante agitado, ou seja, no geral as crianças tinham dificuldade em cumprir regras, agrediam-se uns aos outros e eram consideradas pela educadora “crianças difíceis”.

Em síntese, este projeto destinou-se a um grupo de vinte e uma crianças da sala dos quatro anos e teve como principal objetivo planear um percurso educativo que responde-se às características, interesses e necessidades de cada criança de forma a estimular o seu desenvolvimento.

A escolha deste tema baseou-se nas respostas dadas a um questionário, em que a maioria das respostas das crianças estavam relacionadas com a brincadeira. Surgiu assim o tema: “Aprender, brincando!”.

Para trabalhar todos os objetivos deste projeto que se centraram principalmente na área de formação pessoal e social (promover a auto estima; Promover a autonomia; Promover a cooperação; Promover o respeito pela diferença) realizei atividades em que cada criança trabalhou sem se aperceber. Exemplo disso foram os momentos de conversa na manta, realização de jogos que os “obrigavam” a cumprir determinadas regras, explicar os diversos momentos da rotina e o porquê de o estarem a fazer e realizei leituras de algumas histórias que abordavam temas como as questões de género, a família, a identificação pessoal e situações de discriminação.

Exemplos de Atividades realizadas durante o estágio

A seleção feita das atividades que se seguem, justifica-se pelo facto de terem sido atividades desenvolvidas com êxito devido à atenção, empenho e dedicação que todas as crianças mostraram pelas mesmas.

✓ História “Um presente de Natal”

Devido à época festiva que se aproximava, contei uma história alusiva ao natal, em que desenvolvia ao longo da história várias competências sociais .

Como auxílio de vários objetos, como uma caixa de papelão a fazer de prenda, um gorro e vários peluches como personagens da história, contei a história do ouriço, transmitindo e mostrando às crianças o que é partilhar, isto é, não ser invejoso.

Estes objetos que utilizei estavam referenciados na história, e tive como opção utilizá-los para que a história se torna-se mais atrativa captando a atenção das crianças.

A história foi contada em grande grupo na área do tapete.

De seguida todas as crianças realizaram um desenho, onde manifestassem atitudes de partilha para com o outro.



Imagem I: História “Um presente de Natal”



Imagem II: Representação gráfica de uma criança, sobre a partilha

Avaliação da atividade: Depois de ter refletido sobre a atividade cheguei à conclusão que existiram vários aspetos que não tive tanta atenção, nomeadamente a disposição do grupo durante a contagem da história. Estava de frente para as crianças, e elas estavam dispostas em duas filas uma atrás da outra, isto é a formar um retângulo. Não me coloquei corretamente por que as crianças levantavam-se, ou seja metiam-se de joelhos e com o entusiasmo movimentavam-se bastante, dificultando a visão às outras crianças. A estratégia que deveria ter usado, era colocar as crianças em forma de círculo e eu contar a história no meio desse mesmo círculo de maneira a que todas as crianças conseguissem ver da melhor maneira. No entanto, ao observar as representações gráficas de cada criança conclui que o objetivo principal desta atividade foi bem desenvolvido, isto porque cada representação referia bastante bem o sentido da partilha.

✓ “Árvore de Natal e seus efeitos”

Para a realização da árvore de Natal, levei a árvore já “montada” em cartão (realizada por mim) onde as crianças pintaram uma de cada vez uma parte da árvore.

Os efeitos para a árvore eram formas geométricas (forma circular, forma quadrangular, forma retangular e forma triangular) isto é, os próprios símbolos das crianças. Estes símbolos já tinham sido distribuídos pela educadora desde o início do ano.

As crianças ilustraram cada símbolo correspondente, à sua maneira com lápis de cor, canetas de feltro, tinta, brilhantes, entre outros (tudo à sua escolha). Deste modo desenvolveram a criatividade ao ilustrar os efeitos para a árvore de natal e a motricidade fina.

Para a realização desta atividade, as crianças foram divididas pelas duas mesas de trabalho e as restantes pelas outras áreas livres, onde uma de nós (adultas presentes na sala) permanecemos em cada área.

Numa mesa ficou a árvore de natal e na outra os símbolos para enfeitar.



Imagem III: Pintura da árvore de Natal



Imagem IV: Ilustração dos efeitos para a árvore de Natal

Avaliação da atividade:

Como foi combinado, eu e a minha colega ficámos com as crianças que estavam a realizar a atividade enquanto que a educadora ficou mais presente nas diversas áreas.

Todas as crianças estavam bastante motivadas e muito interessadas estando até algumas sempre perto da árvore pedindo de imediato para realizar a sua pintura. Chegaram mesmo a fazer uma fila de espera para realizar a atividade, não porque eu disse mas sim por autoria delas próprias, insistindo sempre para que fossem para as outras áreas “brincar” mas essa insistência não valeu de muito, porque logo após uns minutos voltavam para saber se “já podiam fazer”.

No geral as crianças desenvolveram muito bem esta atividade, porém duas crianças ainda tinham uma certa dificuldade em pegar no pincel o que dificultava a tarefa que estavam a executar, pois pegavam no pincel muito ao de leve, e sempre na ponta do pincel.

Da parte da tarde as crianças realizaram a ilustração dos diversos símbolos.

Optei por colocar cinco crianças na mesa de trabalho e as restantes nas outras áreas. Antes da realização da atividade, pedi que as crianças se reunissem na manta, onde pudesse explicar o que iríamos fazer da parte da tarde, mostrando as várias formas que disponha, pedindo que me dissessem qual era o nome da forma, e perguntando a cada criança qual era o nome do seu símbolo para a posterior decoração.

As crianças souberam identificar o seu símbolo referindo o nome da forma. Exceto três crianças que não o conseguiram fazer. Uma não sabia de todo qual era o seu símbolo, nem mesmo quando lhe mostrei as quatro formas o soube identificar. As outras duas crianças souberam identificar o símbolo apenas quando lhes mostrei, mas o nome da forma não sabiam referir.

Daí que no geral o objetivo de consolidar o conhecimento da forma dos símbolos das crianças foi bem adquirido por parte das mesmas.

Depois desta pequena “conversa”, as crianças foram realizar a atividade. Tinham os vários materiais dispostos na mesa de trabalho, desde porporinas de diversas cores, massinhas, arroz, canetas de filtro e papel de seda.

A criança estava completamente à vontade para utilizar qualquer material que fosse de modo a não estabelecer regras para desenvolver a sua criatividade.

Mais uma vez as crianças estavam bastante motivadas para a realização da atividade e devido a essa motivação é que se gerou alguma confusão, pois as crianças que estavam nas outras áreas ainda à espera para serem chamadas para a mesa, colocavam-se “em cima das outras crianças que estavam a realizar a decoração dos símbolos” e estavam constantemente a pedirem para fazer não conseguindo aguardar nas outras áreas pela sua vez.

Os símbolos ficaram bastante interessantes, mostrando mesmo a época festiva que se aproximava.

➤ **1º ciclo do ensino básico (1º ano)**

Caracterização da turma

O grupo era constituído por vinte e um alunos, de idades compreendidas entre os cinco e sete anos (apenas duas crianças têm sete anos), em que doze são raparigas e nove são rapazes.

O grupo era caracterizado por existir vários níveis de aprendizagem, enquanto que alguns alunos eram bastante autónomos outros tinham algumas dificuldades precisando de algum auxílio.

Apenas um aluno tinha necessidades educativas especiais, sendo acompanhado duas vezes por semana pelo professor de Educação Especial, tendo como materiais a desenvolver com o aluno os mesmos materiais que a professora fornece ao resto do grupo. Ou seja esta criança apesar de ser acompanhada, a professora não o diferenciava, apenas auxiliava-o com mais frequência e alterava certos exercícios no que diz respeito às fichas de avaliação. A criança não gostava de sentir que estava a fazer algo diferente dos outros colegas, daí a professora o envolver em todas as atividades, apesar de ter um ritmo completamente diferente do grupo em geral.

Em síntese, a turma era bastante acessível, muito carinhosa e simpática, respeitando sempre a minha figura enquanto “professora” e aceitando facilmente todas as tarefas propostas por mim.

Caracterização da Instituição:

O meu estágio em primeiro ciclo realizou-se na EBC nº1, fazendo parte do agrupamento de EMM, com a turma de 1º e 2ºano A.

A instituição era bastante antiga, porém já tinha sofrido algumas remodelações. Todas as salas de aula eram de pequena dimensão, porém bastante acolhedoras. Todas as salas (exceto uma) eram constituídas por um quadro interativo, uma quadro preto, mesas, cadeiras, uma secretária (para a professora) e um computador (Magalhães).

Nomeadamente na “minha sala” existiam dois “placares” com a função de colocar “trabalhos” das crianças com bastante importância, para serem usados ao longo do ano lectivo como é o caso das letras e dos números por exemplo. Porém a existência de dois placares era muito reduzida, porque um placar era para ser usado pela turma da manhã e o outro pela turma da tarde (minha turma), daí haver muito pouco espaço para se afixar certos trabalhos, o que fazia com que a professora os distribui-se pelas paredes da sala. No entanto devido ao pouco espaço, os trabalhos (por exemplo, os números) estavam afastados uns dos outros não havendo uma sequência entre eles.

Pude observar um aspeto bastante interessante no que diz respeito apenas à minha sala, que foi o facto de a secretária da professora estar ao fundo da sala, ou seja as crianças estavam de costas para a professora, o que fazia com que as mesmas se virassem para trás várias vezes para olhar para a professora. Questionei a professora sobre o porquê desta opção, ao que ela me explicou que era a professora da parte da manhã que queria a disposição da sala daquela maneira e que no início quando a aula começava trocava toda a disposição, no entanto deixou de o fazer por achar que perdia muito tempo da aula ao repor as mesas à sua maneira.

Projeto curricular do agrupamento:

O projeto curricular do agrupamento envolvia-se bastante e principalmente em promover diversas estratégias direcionadas para crianças com necessidades educativas especiais, assim como criar espaços adequados para o bom desenvolvimento das mesmas, com o principal objetivo de envolver estas crianças com toda a comunidade escolar. Para além disso, este projeto envolvia-se também com a criação de estratégias para proporcionar um bom relacionamento entre escola/família.

Projeto curricular de turma:

O projeto curricular de turma, relacionava-se com o facto de desenvolver várias estratégias que permitissem preparar os alunos para a vida, enquanto cidadãos.

Neste sentido, este projeto tinha como objetivo geral, propor diversas situações do quotidiano de modo a que as crianças pudessem tomar decisões e resolver problemas do dia-a-dia.

Caracterização do Ambiente Educativo

Ao expor um conteúdo para o grupo em geral, havia uma dúvida bastante pertinente, pois observava-a constantemente neste estágio que era o facto de “dar atenção” às crianças com mais dificuldades. Isto é, nesta turma existiam duas crianças com bastantes dificuldades, uma delas era acompanhada duas vezes por dia pelo professor de Educação Especial e observava e sentia que quando a professora cooperante expunha um novo conteúdo essas crianças estavam completamente de parte do que se estava a passar naquele momento, devido (penso eu) às suas grandes dificuldades.

Perante este facto, a minha questão é que ao mesmo tempo passava por ser uma dificuldade era como é que ia envolver essas duas crianças com o resto da turma. Por vezes pensava em várias estratégias de modo a conseguir envolvê-las mas depois chegava à conclusão que era demasiado “básico” para o resto da turma que tinha um diferente nível de aprendizagem dos dessas crianças. No entanto muitas vezes optei por várias conversas de modo a envolver estas duas crianças no diálogo desenvolvido. Quando se tratava de trabalho um pouco mais individual e na qual eu sabia que as duas crianças não conseguiam acompanhar a restante turma devido às suas dificuldades, alterava o trabalho para essas duas crianças. Por exemplo, quando planificava um ditado para a turma, proponha às duas crianças que realizassem a cópia do texto que iria utilizar para o ditado, pois estas crianças tinham muita dificuldade na escrita, a letra ilegível, as palavras muito juntas entre outros. Assim não desviava o “assunto” que estava a tratar com essas duas crianças de modo a que também as crianças não se sentissem “diferentes” por estarem a realizar algo “diferente” dos seus colegas.

“Todos os alunos, independentemente da sua raça, condição linguística ou económica, sexo, orientação sexual, idade, capacidades de aprendizagem, estilos de aprendizagem, etnia, cultura e religião, têm direito a ser educados em ambientes inclusivos; todos os alunos são capazes de aprender e de contribuir para a sociedade onde estão inseridos; todos os alunos devem ter oportunidades iguais de acesso a serviços de apoio especializados, quando deles necessitarem, que se traduzam em práticas educativas ajustadas às suas capacidades e necessidades; todos os alunos devem ter a oportunidade de trabalhar em grupo e de participar em actividades extra-escolares e em eventos comunitários, sociais e recreativos e todos os alunos devem ser ensinados a apreciar as diferenças e similaridades do ser humano”. (Correia, 2008)

Projeto desenvolvido pela estagiária

Este projeto surgiu após a primeira semana de prática na sala de aula do 1ºano, onde identifiquei o interesse da turma em ouvir histórias, levar livros de histórias para casa e trazer livros de histórias para a escola.

Assim este projeto intitulou-se como “ Histórias à solta” e em primeira instância teve por objetivo principal promover a literacia e aprendizagens significativas nas várias áreas disciplinares e não disciplinares, ou seja, favorecer o processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as , respeitando sempre a sua individualidade, onde a valorização da literatura para a infância está sempre presente, como recurso essencial

para a construção do conhecimento. Pensar, interpretar, compreender, criar, recriar, inventar, imaginar, experimentar, investigar, registrar e pesquisar foram as ações inerentes à minha intencionalidade educativa.

Fomentar o gosto pela leitura é outro pilar em que se apoiou esta ação, uma vez que o/a aluno/a ao ler apreende e reconstrói o significado ou significados do texto. Ao fazer esta reconstrução constrói esquemas mentais que os/as alunos/as constroem o seu conhecimento sobre o mundo.

Ao encontro do que referi anteriormente, a intenção deste projeto era que os/as alunos/as compreendessem a importância de ler e ouvir histórias em vários formatos. Assim esta proposta foi trabalhar histórias à solta de forma criativa e que os/as alunos/as tivessem prazer em aprender a língua materna.

Com o decorrer das atividades criei um contexto relacional estimulante, intencionalmente pensado, para que os/as alunos/as enquanto sujeitos ativos na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, pudessem fazer experiências pessoais interessantes, experiências de interação social com outras crianças e adultos, e experiências de interação com o meio envolvente.

Atividade realizada pela estagiária:

✓ *“Descobre o que é!”*

Num primeiro momento a professora divide a turma por dois grupos e entrega a cada grupo seis palavras que contêm a sílaba “lhe”. De seguida propõe às crianças uma saída para o exterior onde cada grupo tem que procurar pela escola umas caixinhas que irão ter uns papeis com uma adivinha, e cuja a resposta está entre os seis papeis que inicialmente a professora deu às crianças.

Deste modo, a criança lê para o seu próprio grupo o que encontrou e com a ajuda do mesmo escreve a resposta da adivinha no papel que a contém. Depois de algum tempo cerca de 20/30 minutos, as crianças regressam à sala e cada grupo refere quantas adivinhas encontrou e as respectivas respostas. Ganha o grupo que conseguir encontrar mais adivinhas e com as respostas corretas às mesmas. Posteriormente, a professora desenvolve um diálogo com as crianças de modo a questioná-las se sabem qual o som que estava a ser desenvolvido no jogo.

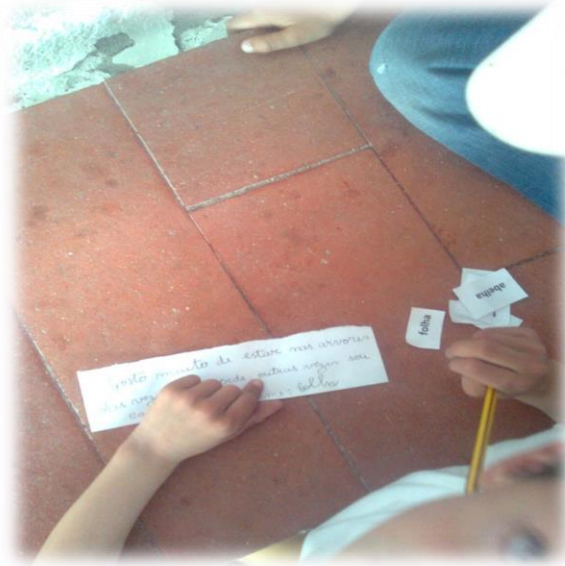


Imagem V. Atividade no exterior

Avaliação da atividade: Quando as crianças foram informadas que iriam para a rua fazer uma atividade ficaram de imediato bastante motivadas e contentes. Perceberam perfeitamente a atividade em si e cumpriram as regras impostas antes de iniciarem a atividade (não correr, não gritar, e não ir para locais proibidos).

Entreguei às duas crianças com mais dificuldades as respostas das adivinhas e caso essas duas crianças perdessem as respostas, todo o grupo perdia. Observei que essas duas crianças tiveram muito cuidado com as respostas e sentiram-se bastante responsáveis.

Os dois grupos, facilmente encontraram as adivinhas e ainda com mais facilidade responderam às mesmas. Importante salientar, que os dois grupos estiveram bastante unidos, notando-se uma grande interajuda entre eles (cada grupo).

Voltando para a sala, coloquei a questão se perceberam qual o som “escondido” e todas as crianças exceto o Alexandre responderam o som [lh].

Todas as crianças, sem exceção construíram e referenciaram várias palavras com o som [lh].

✓ Figuras no plano: Tangram

Num primeiro momento mostrei um pequeno filme sobre a lenda do tangram. Depois disto sugeri às crianças a realização do mesmo, entregando a cada uma delas as figuras onde as teriam de recortar e pintar. Depois de as figuras recortadas, sugeri que usassem as peças do tangram para construir figuras equivalentes, por exemplo que descobrissem todos os quadrados diferentes que conseguissem. Enquanto o faziam a professora ia de mesa em mesa observando e auxiliando o trabalho realizado por cada criança.

De seguida sugeri às crianças que explorassem o tangram á sua vontade, mostrando também no quadro interativo várias figuras formadas através do tangram.

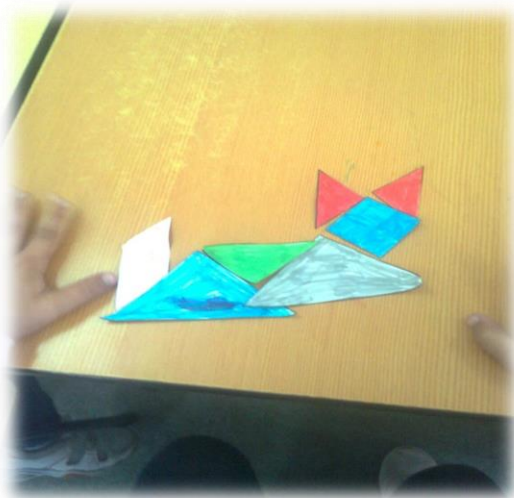


Imagem VI: Exploração livre do Tangram



Imagem VII: Recorte do Tangram

Avaliação da atividade:

A avaliação para esta atividade foi feita através de uma grelha de avaliação, em que queria avaliar sobretudo se a criança participava ativamente na atividade desenvolvida, se recortava o material corretamente, se construía corretamente as figuras equivalentes e se explorava o material de livre e espontânea vontade.

Analisando no geral esta grelha de avaliação, pude concluir que as maiores dificuldades das crianças passaram pela construção correta das figuras equivalentes.

➤ 1º ciclo do ensino básico (3º ano)

Caracterização da turma

O grupo era constituído por vinte e seis alunos, de idades compreendidas entre os sete e oito anos, em que catorze são raparigas e doze são rapazes.

O grupo caracteriza-se por existir vários níveis de aprendizagem, enquanto que alguns alunos são bastante autónomos outros têm algumas dificuldades precisando de algum acompanhamento individual e alguma motivação. No entanto é visível que em alguns alunos estas dificuldades se devem á imaturidade e falta de concentração.

A turma no geral era um pouco agitada e faladora, no entanto quando estava ocupada ou seja com alguma tarefa para concretizar, o grupo tornava-se bastante trabalhador e participativo.

Apenas um aluno tinha problemas a nível comportamental, isto porque é um aluno muito falador e com bastantes dificuldades em cumprir regras.

Pela observação que realizei da turma, eram crianças um pouco conflituosas umas com as outras (dentro da turma), com dificuldades em saber partilhar e por vezes chegavam mesmo a ser “más” com os outros colegas, chamando nomes e referindo aspetos bastante desagradáveis.

Caracterização da instituição

Estive a estagiar no CESM, fazendo parte do Agrupamento Sá da Bandeira, com o 3º ano, turma 10.

O centro escolar era constituído pela creche, jardim de infância e 1º ciclo. A instituição era bastante recente, com boas instalações. Todas as salas de aula eram de razoável dimensão, e muito acolhedoras, no entanto devido á sua localização eram salas muito quentes. Todas as salas (1º ciclo) eram constituídas por dois quadros, um deles interativo, mesas, cadeiras, uma secretária, (para a professora) um computador (portátil) e um Magalhães para ser utilizado pelos alunos no intervalo. O Magalhães era utilizado por cada aluno, através de uma lista realizada pela professora que lhe fornecia a decisão de quem seria o próximo aluno a utilizar o Magalhães.

A turma mudou de sala este ano, o que fez com que a professora voltasse a colorir a sala, aproveitando muitos trabalhos realizados em sala de aula pelos alunos para serem expostos nas paredes da sala. Entre a “minha sala” e outra de 4º ano existia

uma pequena sala constituída por um lava loiças e uma bancada. Esta sala tinha como função auxiliar os alunos quando estes realizavam trabalhos a nível prático.

Observei um aspeto bastante interessante no que diz respeito apenas à minha sala, que era o facto de a disposição das mesas dos alunos. Ou seja, as crianças estavam divididas por grupos. Grupo um, dois e três em que as mesas estavam juntas fazendo com que os alunos estivessem virados de frente uns para os outros. Questionei a professora sobre tal situação à qual me respondeu que optou por dispor os alunos por grupos de modo a que se pudessem auxiliar uns aos outros. Na minha opinião e pelo que pude observar, os alunos quando estão dispostos em grupo têm tendência para conversarem mais uns com os outros. No entanto, a professora referiu que alterava várias vezes a disposição da sala. Esta justificação para mim fez de certo modo algum sentido, pois na minha opinião as várias disposições da sala fazem com que os alunos possam, saibam e tenham oportunidade de trabalhar uns com os outros estabelecendo assim uma relação de proximidade com toda a turma.

Projeto curricular do Agrupamento:

Relativamente ao projeto curricular do agrupamento pretende-se com ele valorizar e promover o bem-estar e o respeito mútuo, desenvolvendo competências na área do saber-estar e saber-ser. Deste modo espera-se conseguir com este projeto principalmente promover normas de conduta e respeito entre todos os utentes do agrupamento. Para além disso, pretende-se que em relação às famílias exista uma maior exigência, relativamente ao trabalho dos seus educandos, incentivando a sua participação e procura da qualidade nos resultados dos seus alunos.

Projeto curricular de turma:

O projeto curricular de turma ainda estava em execução, sendo que tive contacto com o mesmo no que diz respeito apenas à caracterização da turma e encarregados de educação.

Projeto desenvolvido pela estagiária

Foi realizado um plano de estágio, em conjunto com as minhas colegas que estavam a estagiar também em 3ºano, que se concretizou a partir da observação realizada nas três turmas de terceiro ano, na qual pudemos concluir (eu e as minhas colegas) que as três turmas tinham várias lacunas em comum, como por exemplo o facto

de terem alguma dificuldade em trabalhar em grupo. Nasceu assim, um plano cujo os principais objetivos se centravam na cooperação, contribuindo para a construção de pessoas que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo.

As várias atividades propostas aos alunos, principalmente trabalhos em grupo que envolvessem de facto a cooperação, motivou-os bastante no trabalho em si, e verificou-se uma interajuda entre os alunos que não se verificava inicialmente, pois anteriormente referiam que não queriam trabalhar com o colega proposto por diversas razões, e no final do estágio uma das grandes evoluções que verifiquei de imediato foi o facto de os alunos terem conseguido desenvolver o respeito uns pelos outros, ajudando-se mutuamente.

Atividade realizada pela estagiária:

- ✓ “Arredondar à dezena de milhar e á centena de milhar mais próxima”

Inicialmente a professora constrói um pequeno diálogo sobre as vantagens de saber arredondar, por exemplo: $199+99=(200+100)-2=298$. De seguida a professora coloca no quadro exemplos com alguns números “pequenos” e de como podemos arredondá-los à dezena e centena mais próxima, de modo a rever conhecimentos já adquiridos. Posteriormente a vários exemplos, os alunos irão realizar um jogo em que será fornecido a cada aluno alguns cartões com números e a professora coloca no quadro alguns cartões com números redondos (20.000....30.000...50.000...200.000...400.000...600.000). Cada aluno teve que colocar o seu cartão debaixo do cartão que estiver no quadro com o número mais próximo do seu.

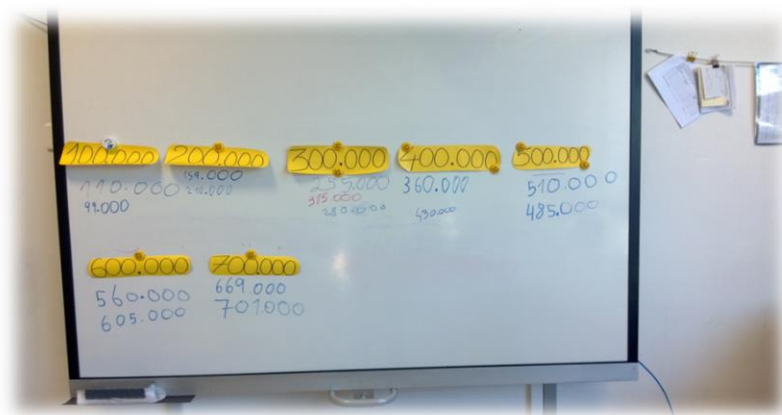


Imagem VIII: Arredondar à dezena de milhar

Avaliação da atividade: Comecei a minha aula a rever conhecimentos já adquiridos, ou seja comecei por números mais pequenos, pedindo aos alunos para arredondar à centena e milhar mais próximo. Os alunos estavam muito interessados e empenhados. Optei por questionar os alunos com mais dificuldades para antes de avançar perceber até que ponto, neste aspeto (arredondar à centena e ao milhar) as crianças estavam. Apenas o Duarte hesitou um pouco, ou seja respondeu com pouca segurança e certeza às questões realizadas. A colocação dos números por baixo “de cada número redondo” correu bastante bem. No entanto uma aluna (Angélica) no intervalo veio-me pedir algumas explicações, referindo que não tinha compreendido muito bem o porque do seu número ter sido colocado por baixo de um determinado número. Optei então, por construir uma reta de modo a que a aluna realiza-se “saltos ou para trás ou para a frente”, percebendo assim qual o número mais próximo, podendo deste modo arredondá-lo.

✓ Diagrama de Caule-e-folhas

Inicialmente pedi aos alunos que referissem a idade dos irmãos e pais. Escrevi todas as idades referidas pelos alunos no quadro. De seguida e aleatoriamente pedi aos alunos que identificassem os algarismos das dezenas rodeando-os de uma cor diferente. Posteriormente desenhei uma linha reta na vertical e escrevi os algarismos das dezenas identificados pelos alunos do lado esquerdo da reta (sem repetir) e do lado direito os algarismos das unidades que se podem repetir. Após os números colocados questioneiei os alunos sobre qual será a função do diagrama de caula-e-folhas e qual a sua moda. Depois das ideias e opiniões dos alunos expliquei que através do diagrama se organizava todos os dados obtidos sabendo facilmente qual o número mais repetido, ou seja a moda, dos conjuntos dados inicialmente. Para consolidar conhecimentos, os alunos resolveram uma ficha do manual de matemática cuja a sua correção foi feita em grande grupo.



Imagem IX: Diagrama de Caule e folhas

Avaliação da atividade:

Comecei a aula com questões como: “Quais os gráficos que conhecem”?

-“Eu sei um que tem desenhos”- Beatriz Batista

“Sim, como se fosse camisola, por exemplo” –David

“Pode ser outros desenhos, são os que nós quisermos desde que dê para ver os números”

- Luís

“Ver a quantidade não é, professora?” – João Carvalho

“Mas também há outro que nós já aprendemos, mas não me lembro do nome”- João Cruz

“Tem umas barras não é?” - Beatriz Batista

Depois pedi a dois alunos para representarem no quadro os dois gráficos que conheciam. Após a representação e identificação dos mesmos referi que hoje iriam aprender um novo gráfico em que o objetivo do mesmo seria organizar e tratar os dados fornecidos. Os alunos referiram as idades dos pais/irmão e avós e a partir destes dados construímos em grande grupo e oralmente o diagrama de caule-e-folhas. No fim da construção do diagrama questionei os alunos sobre: “Qual seria a idade do familiar mais novo e mais velho”; “Qual a diferença do mais novo para o mais velho?”; “Qual a moda?” e aleatoriamente questionei todos os alunos sobre: “quantos familiares têm vinte e sete anos?” (por exemplo) Todos os alunos estavam muito motivados e empenhados na realização da atividade realizando corretamente à análise do gráfico.

2. Percurso de desenvolvimento profissional

Relativamente à experiência profissional que obtive derivado aos estágios realizados em pré-escolar e 1º ciclo, posso assim refletir sobre as dificuldades sentidas bem como os aspetos que considerei mais positivos relativamente às diversas dimensões: planificar, operacionalizar e avaliar, de forma a realizar uma autoavaliação pertinente para responder à minha questão investigativa.

Educação Pré-escolar: Planificar

Nesta vertente e em relação a planificar senti certas dificuldades no que dizia respeito ao desenvolvimento dos objetivos, pois por vezes eram objetivos bastante exigentes de serem cumpridos pelas crianças, outras vezes não estavam bem estruturados dificultando a sua compreensão quer por parte da educadora cooperante como também da minha professora (supervisora) de estágio. Havia grande facilidade da minha parte, relativamente à estrutura de uma planificação como também ao desenvolvimento de atividades pois penso que esse aspeto se deveu à preparação que tivemos durante a licenciatura, relativamente à teoria.

Para além disso senti algumas dificuldades em planificar conteúdos relacionados com a matemática. Pensava constantemente em “contas, números entre outros”, mas nesta vertente do pré-escolar esses aspetos eram ainda demasiado desenvolvidos devido à idade das crianças. Era importante apenas, remeter as crianças ao desenvolvimento de atividades que as preparassem para num outro nível atingirem certos valores que as levassem à compreensão do número por exemplo.

Penso que o facto de ser a primeira vez que planificava de forma contínua, tinha dificuldades em controlar o tempo previsto de uma atividade. Muitas vezes “estendia-me” no tempo o que levava a educadora cooperante a interromper a atividade respetiva do momento para dar continuação à rotina das crianças.

Pré-escolar-operacionalizar

No campo da operacionalização senti que desenvolvi certas competências nas quais penso dominar melhor, por exemplo no que diz respeito a contar histórias, pois sinto-me bastante confiante quando realizo este tipo de atividade, penso conseguir prender a atenção da criança com a minha expressividade, e de certo modo ao contar as

histórias tentei sempre incutir algum valor na criança, desenvolvendo um momento de aprendizagem motivante.

No entanto esta confiança, que me permitiu uma boa comunicação com o grupo e o à vontade relativamente a trabalhar com o grupo no geral, foi adquirida com a constante preparação realizada em casa de modo assim a ter segurança no que estava a fazer e a dizer no momento.

Apesar de ter tido êxito no que diz respeito às histórias, ou seja à comunicação com o grupo, deparei-me com várias situações que me deixavam um pouco incomodada, pois não sabia como agir perante a situação. Ou seja, muitas vezes algumas crianças desafiavam a minha autoridade em sala, não cumprindo o que lhes solicitava referindo que “tu aqui não és nada, por isso não mandas”. Tentava sempre contornar este desafio com conversas individuais e não me remetendo aos castigos.

Este aspeto foi o que me levou de certa forma a seguir esta questão problema que estou a desenvolver no momento.

Pré-escolar-avaliar

Avaliar nesta vertente foi um dos aspetos que senti mais dificuldades neste estágio. Estava ainda muito centrada na “Observação direta” sem conseguir encontrar novas estratégias que pudessem avaliar da melhor maneira o trabalho realizado pelas crianças.

Tinha certas dificuldades em avaliar o grupo quando planificava uma atividade onde tinha que estar mais individualmente com as crianças, pois a educadora tinha uma metodologia de trabalho que me pediu para adotar também. Isto é, quando existiam atividades ao nível individual, chamava duas ou três crianças para perto de mim enquanto que o restante grupo ocupava as restantes áreas de brincadeira. Mas era neste sentido que existiam as minhas dúvidas e questões: pedir à auxiliar educativa que acompanhe a criança na atividade enquanto eu estou a “rodar” pelas áreas?! Então e como podia eu avaliar a criança nesse sentido se não estava presente?! Mas se fosse ao contrário, estar apenas presente com a criança em questão e não estar envolvida com o resto do grupo também não me parece ser uma boa opção, pois enquanto as crianças estão nas brincadeiras livres também adquirem muitas aprendizagens, na qual não estou a acompanhá-las nem a avaliá-las. Daí ter sido esta uma das minhas grandes dificuldades, porque queria fazer as duas coisas ao mesmo tempo sem saber como.

Para ultrapassar estas dúvidas, conversei com as minhas professoras e também pude concluir que a avaliação do grupo irá ser mais eficaz com o desenvolvimento da minha prática enquanto futura profissional e também com o conhecimento pormenorizado do grupo em si.

1º ciclo: Planificar

Relativamente ao planificar no 1º ciclo, penso que evolui bastante no modo como desenvolvia os objetivos, sempre me centrando no que queria de facto que “os meus alunos” adquirissem e na avaliação, porque depois da experiência que tive relativamente ao estágio de pré-escolar, foquei-me um pouco mais neste aspeto de forma a desenvolver uma avaliação mais complexa e eficaz. No entanto, as minhas dificuldades passaram um pouco pelas estratégias que desenvolvia nas minhas planificações. Penso que esta dificuldade deve-se ao facto de ter muitas ideias relativamente às atividades que pretendia desenvolver com os alunos, mas transportar as mesmas para o papel tornava-se um pouco complicado.

Porque ter ideias é relativamente fácil, penso que é só pô-las em prática, mas depois de as refletir e de planificar essas mesmas ideias tudo perde o sentido. Ou seja, realmente tenho muitas ideias para desenvolver certos conteúdos, porém tenho alguma dificuldade em conseguir articular todas as áreas, “pegando” num determinado ponto e seguir o respetivo fio condutor, envolvendo assim todas as áreas de conteúdo. Para além disso a planificação tem como função orientar o trabalho do professor mas no meu caso enquanto estagiária a função ainda se torna um pouco mais complexa, isto porque, tenho que planificar de modo a que a professora cooperante e a professora supervisora compreenda perfeitamente o que irei desenvolver com a turma, de modo a que me pudessem auxiliar em diversos aspetos e neste sentido a minha dificuldade passa um pouco por este facto, pois planificava para mim esquecendo muitas vezes que estavam envolvidas outras pessoas responsáveis que deveriam entender tudo o que estava planificado.

1º ciclo-operacionalizar

Em contexto de 1º ciclo, considero que as minhas maiores dificuldades relativamente às competências curriculares, centraram-se ao nível da matemática, isto

porque a maneira como se desenvolve os diversos temas neste momento, é diferente da que foi desenvolvida no meu tempo de escola. Clarificando, torna-se complicado ensinar algo às crianças que não me foi ensinado. Comigo, foi tudo á base da memorização e regras e agora antes da memorização vem a compreensão que a meu ver é muito mais importante para o bom desenvolvimento curricular da criança. O facto de ser cada vez mais importante, a compreensão antes da memorização ou a realização do algoritmo por exemplo, não se tornou neste meu período de estágio muito eficaz, principalmente no último estágio que realizei com o 3ºano, isto porque a professora cooperante, utilizava um estilo um pouco mais tradicional, iniciando um tema matemático pela memorização. Por exemplo, relativamente às tabuadas a professora defende o facto de serem de imediato memorizadas e outro exemplo que verifiquei foi relativamente à divisão que referiu que inicialmente as crianças teriam de aprender o algoritmo porque muitas crianças não teriam o raciocínio para terem “noções de divisão” antes do algoritmo. Esta informação foi-me fornecida pela professora antes de desenvolver os conteúdos pretendidos, no entanto planeiei com a autorização da professora cooperante colocando o algoritmo para último no que diz respeito à divisão. Na minha opinião esta estratégia correu bastante bem, fazendo com que os alunos conseguissem ter a noção da divisão e partissem assim para o algoritmo.

As aulas de didática foram muito benéficas e importantes no sentido de ensinar o que eu tenho e devo de ensinar aos “meus alunos”. De facto em modo de reflexão entendo a importância das aulas de didática de matemática neste caso. Isto porque nos ajudam a colocar na posição da criança e a ultrapassar qualquer dificuldade que tenha nesse sentido. Para além disso ajudam-me bastante em utilizar várias e determinadas estratégias para desenvolver os conteúdos pretendidos.

Contrariamente ao que sucedeu no pré-escolar, sentia-me um pouco mais à vontade com o individual do que trabalhar com o grupo em geral. Senti que tinha uma determinada insegurança em me expor para o grupo, olhando várias vezes para a professora cooperante por exemplo de modo a que a expressão dela me pudesse dar mais segurança. No entanto, senti também que evolui muito em relação a essa exposição. A minha figura enquanto “professora estagiária” tornou-se muito mais confiante e segura. Tenho noção que trabalhei para desenvolver esse aspeto, “treinando” em casa o que iria abordar, como iria abordar e para além disso antes de desenvolver qualquer conteúdo que me deixasse um pouco mais desconfortável pesquisava bastante

sobre o assunto e pedia várias opiniões principalmente à professora cooperante e aos meus professores de didática e outras áreas.

1º ciclo-avaliar

Outra das minhas grandes dificuldades para além da construção das planificações, é a avaliação. Quando estava em estágio de jardim de infância sempre pensava que avaliar no primeiro ciclo seria muito mais acessível, devido a ter instrumentos concretos para o fazer, como por exemplo as fichas. Mas refletindo bem, as crianças não estão constantemente a realizar fichas, ou pelo menos não deveriam o que nós como professores não podemos apenas nos agarrar as fichas que as crianças realizam, pois os alunos estão em constante aprendizagem daí também terem que ser avaliados consoante isso mesmo.

Tenho grandes dificuldades em realizar por exemplo, grelhas de avaliação, quais os parâmetros que vou avaliar? como vou avaliar? em que momentos o faço? São estas as várias questões que faço a mim própria quando preparo a minha intervenção. No entanto estas dificuldades foram um pouco contornadas com a ajuda da minha professora cooperante do estágio do semestre passado, da professora cooperante atual, e também e principalmente pelos professores que nos desenvolvem a disciplina de didática, pois nas aulas de didática, muitas vezes planificávamos consoante um determinado “tema” e a avaliação era algo que era bastante desenvolvida a partir daí exponhamos as nossas dúvidas consoante os temas abordados no estágio. Para além disso a minha professora cooperante, ao apresentar a minha planificação para durante a semana, questionava-me bastante por exemplo: “e o que queres avaliar com este tipo de atividade?” Estas questões faziam-me refletir bastante e como consequência auxiliavam-me relativamente à avaliação e aos instrumentos que poderia usar numa determinada atividade.

Percurso Investigativo

O meu problema de pesquisa foi-se clarificando durante os estágios. No primeiro estágio, na vertente de pré-escolar senti que não estava a conseguir gerir o grupo da melhor maneira. Isto porque penso não ter adquirido, por parte das crianças, o respeito e confiança mútua. Ou seja a relação entre mim e as crianças penso que não foi vinculada da melhor maneira e como consequência o meu desempenho como futura profissional não foi o melhor, não foi como desejava que tivesse sido. Neste estágio, várias vezes fui questionada e de certa forma provocada pelas crianças quando principalmente as chamava atenção por determinadas situações: *“Então mas quem és tu? Tu não mandas, por isso posso fazer tudo o que eu quiser.”*. A partir desta experiência a minha questão problema passou a ser algo que gostaria de desenvolver. Será que sendo autoritária a atitude destas crianças poderia se alterar? Ou pelo contrário, não sendo autoritária conseguiria de facto obter respeito e confiança por parte das crianças? E se fosse autoritária não utilizando a autoridade? Será que iria obter respostas? E se as colocasse de castigo? Mas como poderia eu fazer isso mesmo?! Quais os fatores que levavam estas crianças a ter determinados comportamentos? Porque agiam desta maneira? Foram estas as questões que muitas vezes me faziam refletir e me levaram a decidir serem a base da pesquisa.

Todos os grupos são diferentes, todos têm as suas características pois prova disso foi os estágios que realizei ao longo do mestrado. Por momentos pensei que certos comportamentos só se iniciavam no 1º ciclo mas a realização destes estágios mostraram-me completamente o contrário. Os grupos com quem tive contacto no 1º ciclo eram completamente diferente do anterior, ou seja do grupo de crianças do jardim-de-infância, senti que estes grupos era completamente o contrário do outro, tinham confiança em mim e eu neles, respeitavam-me enquanto figura de autoridade, aceitavam muito bem as minhas sugestões, ou seja estabeleceu-se uma relação bastante boa entre “docente e alunos”. Mas de que maneira geri eu o grupo? Penso que não fui autoritária para o conseguir fazer mas penso também que a autoridade esteve presente e tenho a certeza que a professora da turma usou várias estratégias para conseguir gerir o seu grupo de alunos e mantê-los com a mesma atitude perante outra pessoa de fora, neste caso perante uma estagiária (eu). No entanto, esta questão de autoridade e disciplina está sempre presente na capacidade de gerir um grupo, pois penso que todos os profissionais de educação pensam bastante nas questões de autoridade ,confiança,

disciplina, entre outros, quando iniciam a sua profissão e têm a responsabilidade de educar e ensinar um grupo de alunos.

Em torno deste meu problema de investigação existem várias questões que espero vir a responder com o desenvolvimento do mesmo. A questão de facto que quero vir a responder com esta investigação é se de certa maneira a disciplina influencia ou não o desempenho docente e quais os fatores que envolvem esta situação. No entanto estes envolvem vários aspetos entre eles a disciplina, respeito, confiança e relação entre aluno /aluna e docente.

Capítulo II

Objetivos

Com esta pesquisa procurei compreender a visão que professores de 1º ciclo e educadores de infância têm relativamente aos comportamentos e atitudes de (in) disciplina das crianças em contexto de sala de aula, analisando se estes comportamentos influenciam de alguma maneira o processo de aprendizagem e o desempenho docente.

A indisciplina é considerada um conceito polissémico que depende de vários fatores que fazem com que a sua compreensão seja pessoal e subjetiva.

Muitos comportamentos que no pré-escolar são caracterizados como “normais”, no 1º ciclo são considerados como indisciplina, influenciando o normal funcionamento do grupo e, conseqüentemente, o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Procurei assim compreender e analisar as representações que os professores e educadores fazem sobre o que é a “indisciplina” identificando as respetivas causas e as suas implicações no desempenho docente, nomeadamente a forma como educadores e professores lidam com a indisciplina na sala de aula.

Neste contexto surge a minha questão-problema:

“De que maneira os professores de 1º ciclo e educadores encaram a (in) disciplina em sala de aula e que conseqüências esta pode ter para as aprendizagens das crianças e no desempenho docente?”

Para o desenvolvimento da resposta à minha questão problema, surgem como objetivos:

- Conhecer a forma como professores e educadores definem disciplina e indisciplina
- Analisar a forma como as concepções de disciplina e indisciplina de educadores e professores condicionam a sua intervenção.

Enquadramento teórico

1. Definição de (in) disciplina

A relação que se estabelece entre professor e aluno deve ser construída por ambos, de modo a que esta possa conduzir os educandos a “*aceitar e entender as regras como posturas a serem tomadas e com a possibilidade de existirem mudanças nas mesmas*”(cit. Silva, O & Navarro, E)

A partir desta relação pode-se criar disciplina, em que o aluno se torna participante ativo em todas as atividades escolares, onde se compromete nas tomadas de decisões e estabelecimentos de regras, realizando assim questões aos professores, relacionando-se de forma clara com os seus colegas e sobretudo discutindo e opinando sobre todos os “acontecimentos” ocorridos em sala de aula.

Segundo, Garcia (2005, p.52-57), o conceito de disciplina desenvolveu-se bastante ao longo dos tempos. Inicialmente, a disciplina relacionava-se com a ideia de castigo, punição, por exemplo na idade média a considerada “disciplina monástica” desenvolvia-se o sacrifício, a autoflagelação, o castigo corporal, relativamente aos indivíduos que desobedeciam às regras impostas. No entanto este conceito mais tarde foi assumido como uma ideia ligada ao conhecimento.

Deste modo, a disciplina constituiu “*uma obediência às regras e aos superiores, é ordem ter um bom comportamento, submeter-se ao controlo das normas pré-estabelecidas pelo todo*” (Franco, Apolinário & Pereira, 2009, p.56).

Neste sentido, a característica do conceito de disciplina refere-se ao desenvolvimento do treino que deverá ser realizado pelas crianças com o objetivo de se autocontrolarem, mantendo assim uma conduta ordenada.

“Assim uma pessoa disciplinada será aquela que respeita a ordem, aceita e cumpre as normas que organizam e ordenam as atividades na aula e na escola” (Moreira, Laura, 2012,p.39).

Evans (2005) define o comportamento disciplinado das crianças relacionado com dois aspetos principais: respeito e obediência. O respeito é referido aos colegas e docentes, não insultando assim a comunidade escolar. A obediência, desenvolve três regras: estar em silêncio, prestar atenção à aula e trabalhar no respetivo lugar. Neste caso, inicia-se assim um domínio ao nível pedagógico.

Para dar maior relevância a este conceito, Parker (1995) menciona que o êxito no ensino deve-se ao comportamento disciplinado presente em sala de aula, pois como consequência os comportamentos indisciplinados diminuem o tempo de aprendizagem das crianças e desenvolvem nos docentes fatores de stress e preocupação.

Neste sentido refere-se à (in)disciplina como a “*desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo*”. Segundo Estrela (1995, p.65) é principalmente o professor que desenvolve e divulga as normas sociais estabelecidas pelo grupo que apenas julga importantes para praticar a sua ação pedagógica e assim deste modo determina posturas e regras “*a serem aceites, muitas vezes sem a devida discussão com os alunos, e sem que aqueles atendam às suas expectativas e necessidades*” (cit. Silva, O& Navarro, E). Também neste sentido podemos considerar o que é referido por Vasconcelos:

“Um dos causadores do enfrentamento da problemática disciplinar é que o educador não dispõe de uma concepção, de um método, de uma ferramenta eficiente. De um modo em geral, está marcado pela concepção idealista, tem uma série de ideias bonitas sobre disciplina, mas não sabe porque não se consegue colocar em prática. Para isso concorrem a falta de análise dos determinantes, a falta de clareza de mediações concretas, bem como a falta de interação entre estas três dimensões básicas” (1996 p.17):

O ser (in)disciplinado ou rebelde não nasce com os indivíduos, ou seja, estas características não são de modo algum inatas, porém resulta de várias influências que caem sobre a criança e o adolescente nas suas etapas de desenvolvimento.

Neste sentido, o professor tem a função de “mediador” onde toma algumas decisões com o auxílio dos alunos e alunas, de modo a que o trabalho pedagógico admita aos estudantes participarem em todas as situações ocorridas em sala de aula.

O aluno é aceite como um indivíduo que constrói o seu próprio conhecimento, daí que as regras e as normas que são apenas impostas pelo docente e que a maioria das vezes são impossíveis de serem questionadas pelos discentes, irão prejudicar a relação aluno – professor dentro da sala de aula bem como o processo educativo “como um todo”.

Deste modo, tal como o aluno constrói o seu próprio conhecimento, a disciplina ou a ausência da mesma é de responsabilidade de todas as pessoas envolvidas no processo, pois apenas todos juntos, o docente e o discente irão poder dialogar.

A indisciplina e a aprendizagem

Considerando a aprendizagem como fruto de uma construção pessoal, onde não só o próprio sujeito faz parte como também outros agentes sociais e culturais, logicamente também se deve considerar a articulação curricular como um aspeto consolidador de aprendizagens significativas.

Neste sentido, importa referir que o que o aluno já sabe se torna bastante relevante no modo em que será consolidado através de um desenvolvimento curricular articulado.

Para além disso, ensinar tomando como ponto de partida o que o aluno já sabe, torna assim as aprendizagens cada vez mais significativas, tal como refere Ausubel (1980,p.22) *“os novos conhecimentos são articuladamente relacionados com ideias/conhecimentos já pré-existentes no indivíduo”*.

Para este autor é bastante importante que esta teoria de aprendizagem significativa se relacione com o processo de aprendizagem com a (in) disciplina, pois segundo o mesmo, *“é aí o lugar onde deve atuar o professor para gerar uma aprendizagem significativa e uma melhor retenção”*. Deste modo é cada vez mais necessário que o docente conheça os seus alunos individualmente para que assim se possa organizar ajudando da melhor maneira os seus alunos.

Em suma, uma das principais “funções” dos docentes é utilizar estratégias de modo a que motivem os seus alunos para que estes sejam autores do seu processo de aprendizagem. Assim, a aprendizagem irá deixar de ser encarada como um resultado que o aluno deveria de dar, em que não era importante os seus sentimentos e emoções. Novak e Gowin, (1996,p.13) afirmam que desenvolver o ensino sem dar importância à autoestima e aos sentimentos dos alunos é tomar como medida, a limitação do ato de aprendizagem.

A revolução pós-moderna da aprendizagem torna-se assim cada vez mais relevante no sentido que se pretende que o aluno aprenda, não só para dar as respostas corretas, não só para desenvolver conhecimento mas para se servir dos mesmos para que em conjunto com as suas experiências e vivências possam assim formar novos conhecimentos, enfrentando os desafios do dia a dia. Este aspeto, exige uma relação pedagógica positiva, com o objetivo de motivar os alunos, diminuindo desta maneira os comportamentos ditos perturbadores, desencadeando a motivação precisa para o processo de aprendizagem.

Os alunos não podem ser encarados como meros espectadores, em que o docente é o detentor de todo o conhecimento. Os conhecimentos têm de ser assim construídos em conjunto pelo docente e aluno, em que o professor deve ter em conta as capacidades e necessidades de cada aluno, estabelecendo assim um clima de disciplina que se torna um dos aspetos mais importantes para desenvolver uma interação equilibrada e para que tais motivações façam cada vez mais sentido.

A (in) disciplina e o desempenho docente

Investigações recentes têm provado que os docentes detêm o poder de “modelagem”, isto significa que os docentes influenciam muitas vezes os comportamentos dos alunos consoante o seu próprio comportamento.

As crianças adquirem muito mais conhecimento imitando do que através de uma instrução intencional. Ou seja, a criança segue muito mais facilmente o que um adulto faz e não o que diz. Assim, a modelagem torna-se numa influência bastante importante para o comportamento das crianças e devido a esse facto, deve-se tornar num processo consciente. Só deste modo permitirá ao docente uma crescente atenção ao modo como atua em sala.

A influência que o docente têm sobre os alunos depende essencialmente da pessoa que ele é e de como concebe e exerce a sua prática.

Deste modo, é bastante importante e necessário que o docente se conheça a si mesmo como profissional, para que de maneira intencional tenha atenção à sua conduta e prever os reflexos da mesma nas crianças.

“(...) muitos de nós tornamo-nos defensivos e irritados quando confrontados com comportamentos indisciplinados dos alunos e temos dificuldade em olhar-nos criticamente e aos nossos métodos e atitudes. Mas se nós nos orgulhamos com o êxito da nossa influência sobre atitudes, sentimentos, ações e sucessos escolares dos nossos alunos, então devemos, conseqüentemente, aceitar que o reverso pode suceder: nós podemos influenciar os alunos de modos inaceitáveis ou indesejáveis, porque nos deixamos iludir pela ideia de que somos perfeitos” Charlton e David (1993,p.4).

Para que os docentes obtenham uma boa relação interpessoal com os alunos, e sucesso no processo de ensino e aprendizagem, devem ter consciência relativamente ao modo como funciona o mesmo na e com a turma.

Curwin e Mendler (1987,p.32) referem que *“muitos professores fazem muito pouco por si mesmos antes de enfrentar os alunos”*. O modo como comunicam, como se movem, as atitudes e palavras, gestos e voz, ou seja aprenderem a conhecer-se, são aspetos que beneficiam os docentes para as situações mais difíceis a nível profissional.

A base da relação professor/aluno é constituída pela aceitação de si mesmo e como consequência disso, a aceitação do outro.

O conhecimento consciente do próprio docente irá permitir uma especial autenticidade à relação que é desenvolvida com as crianças.

Esta autenticidade irá permitir aos docentes não esconder os seus sentimentos de modo a que estes se possam manifestar perante as crianças, tendo assim os mesmos, oportunidade de observar os seus docentes no seu dia a dia através dos gestos, expressões faciais e tonalidades da voz.

Para além disso, a comunicação e o modo como ela é estabelecida é um factor bastante importante para o desempenho docente, ou seja para o ato pedagógico.

Assim, é importante relembrar que o docente não é propriamente um ator e muito menos as crianças uma audiência.

Facilitar a aprendizagem, desenvolvendo através da linguagem a capacidade de intervir em várias situações, participar de forma ativa, analisar, entre outros, é um dos grandes objetivos da comunicação estabelecida entre crianças e docentes.

No sentido em que o crescimento cognitivo e a socialização necessitam de exteriorização do pensamento é muito importante que se estabeleça a conversação que vise a comunicação entre todos (docentes e crianças). Porém, muitas investigações realizadas provaram que muitos docentes falam durante praticamente toda a aula, minimizando assim a comunicação e como consequência a diminuição de oportunidades para as crianças se expressarem.

Existem realmente muitas investigações que comprovam este facto referido anteriormente, no entanto o Movimento de Escola Moderna é um bom exemplo de como a interação entre crianças e docentes é uma ótima estratégia para se obter bons resultados quer para as próprias crianças quer para os próprios docentes.

Este modelo pedagógico mostra que a organização do trabalho partilhado entre docentes e crianças visa a transformação dos mesmos em cidadãos motivados perante a sociedade envolvente.

Em geral este movimento desenvolve-se a partir da gestão das atividades, dos materiais, do tempo e do espaço, que é apoiado por instrumentos essenciais no pré-escolar, tais como: mapa de presenças, de atividades, mapa de tarefas, plano semanal, entre outros.

A comunicação entre crianças e docentes permite essencialmente que a criança se organize no seu dia-a-dia desenvolvendo assim as suas aprendizagens.

Opções metodológicas

Para conjugar os dois contextos desta pesquisa (Educação pré escolar e 1ºciclo do Ensino Básico) tenciono recorrer a uma entrevista, com a expressão qualitativa de dados, seguindo-se à respetiva análise reflexiva/qualitativa, realizando assim uma relação contextualizada com a minha fundamentação teórica.

Devido ao estudo se relacionar com a representação que os professores e educadores fazem da (in)disciplina, tenciono realizar as entrevistas a dois professores de 1ºciclo atualmente exercendo a sua profissão numa escola de 1ºciclo localizada na região centro e dois educadores que exercem igualmente a sua profissão num infantário localizado na região Sul.

Em suma, irão ser realizados duas entrevistas na vertente do pré-escolar e duas entrevistas na vertente de 1ºciclo.

Neste sentido a entrevista é definida por Haguette (1997:86) como um *“processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”*

A entrevista, como instrumento de recolha de dados sobre um determinado tema científico é uma das técnicas mais utilizadas no desenvolvimento de um trabalho de campo. É através da entrevista que os pesquisadores obtêm informações sobre o tema desenvolvido. Para além disso fornece dados subjetivos que só poderão ser obtidos através da mesma, pois eles relacionam-se com os valores, atitudes e opiniões dos sujeitos. O objetivo principal da realização da entrevista relaciona-se com o facto de conhecer e analisar as várias representações que os professores e educadores fazem da (in)disciplina e de que maneira essas mesmas representações se relacionam com as praticas pedagógicas no pré-escolar e 1ºciclo, fundamentando desta forma o modo de entendimento dos comportamentos de indisciplina e como tal as consequências que os mesmos podem vir a ter na aprendizagem e na qualidade do desempenho docente.

Recolha e análise de dados

O modo como irei desenvolver o tema, ou seja o que irei utilizar define-se por metodologia. Esta, só é possível quando existe vários procedimentos e técnicas que fazem parte, a escolha dos participantes, técnicas de recolha de dados e tratamento dos mesmos e análise e interpretação dos resultados.

A escolha dos participantes é de facto muito importante para o êxito de uma investigação. Assim, Berg e Gall (1996, p.239) referem, “*normalmente num estudo de investigação torna-se impossível indagar toda uma população em cujas opiniões se está interessado*”. Deste modo, deve-se limitar a investigação a um pequeno grupo de participantes, isto é, “*um determinado número de sujeitos de uma população definida como representativos dessa população*” (Idem:240)

Foi seguindo todos estes princípios que escolhi para o desenvolvimento desta investigação, dois professores de 1ºciclo e dois educadores como já referi anteriormente.

Realizei aos quatro participantes uma entrevista presencial, que inicialmente foi testada, em que me auxiliiei no seguinte guião:

Bloco	Objetivos	Questões	Observações
<p>I. Identificação</p>	<p>✓ Identificar os intervenientes no estudo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Idade: • Professor de 1º ciclo ou Educador de infância? • Tempo de serviço: Ano que leciona: 	
<p>I. Definição de indisciplina e disciplina. Principais variáveis que lhes estão subjacentes.</p>	<p>✓ Definir disciplina a nível dos comportamentos: individuais e do grupo;</p> <p>✓ Definir o que entende por indisciplina a nível dos comportamentos: individuais e do grupo;</p> <p>Identificar variáveis que interferem nos comportamentos das crianças a nível da disciplina e indisciplina</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na escola, como define uma criança <i>disciplinada</i>? E um grupo disciplinado? • Como define uma criança <i>indisciplinada</i>? E um grupo indisciplinado a nível escolar? • Em termos gerais, como define disciplina/indisciplina na escola? • Quais os principais fatores que considera que interferem nos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina? Porquê? • Pensa existir diferenças relativamente aos comportamentos entre rapaz e rapariga? Se sim 	<ul style="list-style-type: none"> • No caso da educação de infância, não se usa a expressão (in) disciplina. Irá ser questionado às educadoras sobre qual a expressão que usam relativamente à (in)disciplina. • Devido à fraca opinião dos professores relativamente à (in)disciplina no jardim de infância, irá ser questionado, quer aos professores e educadores, sobre a (in)disciplina na escola, sendo que o termo “escola” será utilizado para a vertente de Jardim de Infância e 1º ciclo

		exemplifique.	
II. <i>Implicações da (in) disciplina das crianças nas práticas educativas</i>	✓ Analisar o modo como as questões de indisciplina interferem no trabalho docente	<ul style="list-style-type: none"> • Como promove a disciplina? • Como costuma intervir em casos de crianças /grupos indisciplinados? • Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças? Porquê? • E interfere no desempenho docente? Exemplifique • Quais as principais dificuldades que sente relativamente à forma de promover a disciplina a nível individual/grupo? 	

Caracterização do estudo e da amostra estudada

A indisciplina em sala de aula define-se na forma como são entendidos os comportamentos e atitudes dos alunos. Encarar um aluno como indisciplinado relativamente aos seus comportamentos, depende única e exclusivamente do que se entende por indisciplina.

Este capítulo é constituído pela apresentação e interpretação dos resultados obtidos através de uma entrevista realizada a dois professores e dois educadores.

O desenvolvimento deste estudo centrou-se principalmente em conhecer as representações que os professores e educadores fazem relativamente à indisciplina e de que modo a mesma interfere no processo de aprendizagem e no desempenho docente.

Os entrevistados para o desenvolvimento deste estudo são do sexo feminino, em que a idade dos mesmos varia entre os trinta e os cinquenta anos de idade.

Quer as professoras como educadoras exercem a sua atividade profissional há mais de cinco anos. São profissionais muito simpáticas e atenciosas no sentido que se mostraram bastante disponíveis para participarem neste estudo.

As quatro participantes, variam muito no que se refere à idade das crianças com que trabalham, podendo assim tirar conclusões das várias perspetivas, opiniões e vivências de cada uma.

Ao longo desta pesquisa a professora de 4ºano será designada como Professora 1, a professora de 3º ano será como Professora 2. A educadora que acompanha as crianças de cinco anos irá ser designada como Educadora 1 e a educadora com o grupo de três anos irá ser como Educadora 2.

Importa referir, que esta entrevista foi testada a uma educadora bastante próxima da zona centro, que permitiu realizar as alterações necessárias nas questões da presente entrevista.

Segue-se por blocos organizados a apresentação dos dados recolhidos neste estudo:

Relativamente à primeira questão, tanto os professores como educadores definiram criança disciplinada ou grupo, relacionando a mesma com regras e rotinas. Ou seja seria disciplinada aquela que cumpre as regras estabelecidas no início do ano e que conhece a rotina da sala. No entanto a indisciplina é definida pelos mesmos, respeitando o contrário de ser disciplinado, ou seja não cumpre as regras estabelecidas e destabiliza o ambiente da sala de aula.

“Uma criança que cumpre as regras definidas em conjunto no início do ano letivo. É um grupo cooperante com os princípios definido, compreendendo quando não cumpre, o que falha nas suas atitudes.” **Professora 2**

“Um grupo ou criança disciplinadas são aquelas que cooperam com a rotina e mostram ser autónomos face às regras estabelecidas.” **Educadora 1**

A questão sobre os fatores que consideravam interferir nos comportamentos das crianças, tanto os professores como educadores realçaram a questão da família como principal interveniente nos comportamentos das crianças.

“A educação dada pela família ao longo dos 6 anos que antecede a entrada para a escola é muito importante mas existem também outros fatores como: a vida familiar que a criança teve ao longo dos anos, o meio onde vive, por vezes.

Problemas económicos e consequente instabilidade familiar e também a forma de estar e pensar das famílias na sociedade atual.” **Professora 2.**

“Para mim existem vários, mas um dos que penso ser aquele que interfere mais é o facto de existir falta de horários, ou seja rotinas e regras na própria família.”

Educadora 1.

Face às diferenças possíveis de existir, no que se refere ao comportamento entre rapaz e rapariga, os dois docentes e uma educadora afirmaram que já existiu mais, pois agora essa diferença não é tão notória. Porém, a outra educadora considera existir diferenças referindo que as meninas são mais faladoras que os meninos mas em compensação os meninos são mais agitados.

“Por vezes, nem sempre !!! E nos tempos que correm cada vez se encontra menos diferenças.” **Professora 1**

“Sim, penso que sim, porque para mim as raparigas são mais faladoras mas ao mesmo tempo calmas enquanto que os rapazes são mais agitados.” **Educadora 1**

“(…)o que se nota é que as raparigas cedem mais na partilha de brinquedos sendo mais tolerantes. Os rapazes são muito afirmativos.” **Educadora 2**

A opinião das professoras e educadoras que se gera em torno de como se deve promover a disciplina, centra-se mais uma vez no facto de existir regras e diálogo com os alunos quando algo está menos bem. Para além disso afirmam ser muito importante valorizar os alunos quando existe uma ação/atitude positiva dos mesmos.

“(…)como não trabalho sozinha acho que o contato direto e diário com os pais é importante, daí ter uma caderneta de comportamento que não só ser para os comportamentos indisciplinados como para os disciplinados, pois não se deve só escrever os mau também devemos escrever quando se portão bem.” Professora 1

A opinião dos educadores para além destas regras centra-se na valorização da elaboração de uma rotina diária e a consistência de atividades.

“Mantendo a rotina, isto é, a consistência nas atividades, a elaboração de regras na sala e possibilitar a livre escolha de atividades.” Educadora 1

A intervenção em casos de crianças/grupos indisciplinados é um pouco diferente entre professores e educadores. No entanto os dois professores participantes têm a mesma opinião, assim como os dois educadores intervêm da mesma forma.

As duas professoras utilizam o chamado “*contrato de comportamento*” estipulado entre todos no início do ano. Quando esse contrato é quebrado existem as consequências (sanções/multas) combinadas também entre todos. Para além disso uma das professoras referiu que existe uma boa cumplicidade entre pais e professora, daí informar os pais sobre os respetivos comportamentos dos filhos. As educadoras em casos de indisciplina interrompem a atividade, conversando com o grupo e em casos individuais retira a criança do grupo para que a atividade continue a decorrer. Uma das educadoras refere que utiliza castigos fora da sala, colocando a criança na sala de crianças mais novas.

“Não se deve deixar que esses comportamentos ocorram ou se prolonguem, conversa comprida faz quem quer e quem deixa. Nunca devemos deixar que determinados comportamentos aconteçam ou se repitam, daí as sanções/ multas que não podem ser discutidas pois foram eles que as estabeleceram.” Professora 1

“Em casos de grave desrespeito relativamente ao grupo em si, termino a atividade do momento e tenho uma conversa com o grupo explicando que o seu comportamento irá ter consequências, como por exemplo as idas para o exterior ou a escolha de atividades. Se for apenas uma criança a destabilizar, retiro-a do grupo não permitindo que continue a atividade.” Educadora 1.

As quatro participantes deste estudo estão de total acordo relativamente ao facto da indisciplina interferir no processo de aprendizagem. Referem que a falta de concentração irá prejudicar a sua aprendizagem como também a dos restantes alunos. E para além disso, quer as professoras como educadoras afirmam que a indisciplina também interfere no desempenho docente na medida em que leva as perdas de tempo desnecessárias ao chamar a atenção e exige muito mais dos mesmos em termos físicos, psicológicos, produtividade, criatividade entre outros.

“Sem dúvida. Porque não há a calma e o bem estar necessários para a aprendizagem.”

Professora 2

“(…)não quer dizer que a criança não aprenda, mas tem mais dificuldade em concentrar-se, em estar atenta, intervém sem sentido porque não ouviu, logo terá mais dificuldades no seu sucesso escolar.” Educadora 2

Para concluir esta análise, mais uma vez os dois professores e educadores estiveram de acordo referindo que as suas principais dificuldades envolvem bastante a família, pois muitas vezes não dão continuidade ao trabalho realizado em sala de aula.

“(…)Uso o meu tamanho, a voz, as regras e as multas, a caderneta, as assembleias de turma, as conversas sozinhos, e por vezes algum castigo de recreio, mas com estes tenho sempre que ter muito cuidado não vá o feitiço se virar contra o feiticeiro.” Professora 1.

“Principalmente o facto de os pais não conseguirem continuar em casa as regras de comportamento desenvolvidas em sala.” Educadora 1

No final da entrevista, em conversa informal, todas as participantes referiram que as questões estavam bastante claras o que facilitou a compreensão e resposta das mesmas. Referiram também ser um tema bastante pertinente principalmente para as docentes “novas”, no modo em que as pode auxiliar nas suas práticas educativas.

Reflexão final

Esta pesquisa iniciou-se com o objetivo de identificar a existência da indisciplina quer no pré-escolar, quer no 1º ciclo. Para além disso era importante também identificar as suas principais causas e analisar qual a representação que os professores de 1º ciclo e educadores fazem da mesma.

Em suma, procurava-se com este estudo, a existência de manifestações de indisciplina nas salas de aula e como os profissionais de educação compreendiam esses mesmos comportamentos no ambiente educativo e da aprendizagem e no desempenho docente.

Para que pudesse enquadrar as representações dos participantes neste estudo, realizei uma fundamentação teórica, começando por definir conceitos, nomeadamente os de indisciplina.

A indisciplina é uma construção social, e devido a isso só pode ser compreendida quando definida por um quadro de valores.

Para complementar este estudo, colocaram-se dois “mundos” em paralelo: o pré-escolar e o 1º ciclo. A passagem de pré-escolar para o 1º ciclo marca uma etapa muito importante para as crianças, a nível do desenvolvimento social e educativo. Exige-se então, uma continuidade nos processos, nos valores, nas normas de conduta e nas práticas.

A observação das opiniões visíveis nas respostas às questões da entrevista realizada, expressa as representações que os professores e educadores têm da indisciplina e do modo como ela influencia o desempenho docente e a aprendizagem.

A partir da análise da leitura realizada às respostas dos participantes, pude chegar à conclusão que a opinião generalizada dos mesmos é de que já há efetivamente, quer no pré-escolar, quer no 1º ciclo comportamentos de indisciplina por parte das crianças.

Dando continuidade à mesma análise de respostas, chego também à conclusão que estes mesmos comportamentos de indisciplina centram-se principalmente na desobediência às regras e rotinas estabelecidas pelos docentes.

Importa sublinhar que os professores participantes referem “regras” e os educadores “rotinas”.

Ou seja, a ideia que os docentes que participaram nesta pesquisa têm do conceito de indisciplina baseia-se principalmente nesta tal desobediência às regras e rotinas.

Vários são os autores que se dirigem à indisciplina de várias formas. Arum, 2005 fundamenta a indisciplina com a falta de valores morais, enquanto Estrela 1992; Garcia, 2006, refere-se à indisciplina como uma consequência de uma má gestão da relação pedagógica. Estas várias interpretações só revelam a complexidade do conceito de indisciplina.

Relativamente ao facto da indisciplina perturbar o ambiente educativo, existe unanimidade entre os participantes deste estudo, pois acabam por ir de encontro a esta realidade.

Todos eles mencionaram vários aspetos, mas claramente o que se conclui, é que a indisciplina interfere no processo de aprendizagem. Esta interferência acaba por dificultar a ação do docente, pois as aprendizagens não se desenvolvem num ambiente de bem-estar e a relação pedagógica pode ser afetada.

Assim, as opiniões dos docentes representadas na entrevista realizada, revelam as várias representações que os mesmos têm da indisciplina e o modo como esta influência o desempenho docente e a aprendizagem.

Em suma, pode-se concluir também que a indisciplina para além de influenciar o ambiente educativo, influência de igual modo os atores que participam no mesmo e o desempenho docente.

Face ao que foi referido, à pesquisa que foi desenvolvida e às opiniões dos objetivos, e alcançadas as respostas para a questão-problema.

Desenvolveu-se o fenómeno de (in)disciplina no 1º ciclo e no pré-escolar, identificando algumas das suas principais causas. Para além disso foi evidenciado a influência que a indisciplina tem na qualidade das aprendizagens e no desempenho docente.

Em síntese...

	<i>Pré-escolar</i>	<i>1ºCiclo</i>
Definição de disciplina e indisciplina	Disciplina como rotinas que devem ser conhecidas pelas crianças no âmbito de sala. A indisciplina é o contrário de disciplina	A disciplina como regras estabelecidas por todos no início do ano letivo. A indisciplina é o contrário de disciplina.

Principais fatores que interferem nos comportamentos das crianças	A falta de horários ou seja rotinas e regras interferem nos comportamentos das crianças.	A parceria escola-família é muito importante para os comportamentos das crianças na escola.
Promoção da disciplina na escola	Elaboração de uma rotina diária e elaboração de regras na sala	Através do diálogo. Elaboração de regras conjuntas que devem ser cumpridas no dia a dia.
Processo de aprendizagem	A indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças, devido à falta de concentração que pode existir.	A indisciplina interfere no processo de aprendizagem pois não existe bem estar na sala de aula.
Desempenho docente	A indisciplina interfere no sentido em que provoca a desconcentração exigindo mais em termos físicos e psicológicos.	A indisciplina interfere no sentido em que leva a perdas de tempo desnecessárias para chamar a atenção e quando o aluno não ouve as repreensões o professor sente-se triste e mal consigo próprio interferindo na sua prática.

Dando por terminada esta pesquisa não posso deixar de sublinhar as suas lacunas, nomeadamente o número reduzido de participantes no estudo devido às limitações com que me confrontei para a sua realização.

No entanto, em termos de aprendizagem, para além de ter aprendido as bases sobre como se pode desenvolver trabalhos de pesquisa, este trabalho possibilitou-me uma melhor compreensão sobre questões que me preocuparam durante os estágios. Paralelamente posso salientar que a realização desta pesquisa me motiva para continuar a desenvolver novos desafios, em futuros estudos que me possam ajudar a colmatar lacunas sentidas no desenvolvimento do meu trabalho.

Relativamente, ao capítulo referente aos estágios realizados durante o mestrado, foi muito bom rever todos os aspetos do trabalho realizado durante todos estes meses, assim como poder confrontar esta prática com a pesquisa realizada, podendo refletir as questões da disciplina e indisciplina em sala de aula que sempre me preocuparam.

Penso que a realização deste relatório, a reflexão sobre os estágios e as aprendizagens que me possibilitaram assim como o trabalho de pesquisa desenvolvido são uma base fundamental para a minha aprendizagem como futura educadora-professora no contexto da educação pré-escolar e no contexto do 1º ciclo do ensino básico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, D.(1980). *Psicologia Educacional*. S. Paulo: Atlas
- CARITA, A & FERNANDES, G (2002). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- ESTRELA, M.T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.
- ESTRELA, M.T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*.2. Porto: Porto Editora.
- FRANCO, D.P.APOLINÁRIO, F,A & PEREIRA, V.F (2009). *Uma análise crítico-pedagógica sobre a conceção docente diante da indisciplina no âmbito escolar*. In *Pedagogia em Ação*, vol. I, nº 2, pp.55-61
- GARCIA, J. (2005). *A construção social da indisciplina na escola*. In *Atas do Seminário de indisciplina na educação contemporânea, 1*. Curitiba, UTP, pp. 87-93.
- GARCIA,J.(2009). *Indisciplina na escola: questões sobre mudança de paradigma*. In *Contrapontos*, nº 3,8, pp.367-380.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – *Departamento de Educação Básica- Núcleo de Educação Pré-escolar (1997), Orientações curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- MOREIRA, L (2012) *A (in) disciplina na transição da educação pré-escolar para o 1º ciclo do ensino básico: implicações na qualidade das aprendizagens e no desempenho docente*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho.
- NOVAK,J.D & GOWIN, B.D.(1996). *Aprender a aprender*. Lisboa: Plátano Ed.
- ZABALZA, M. A (1994). *Diários de aula*. Porto Editora.

ANEXOS

Entrevista realizada aos participantes

Bloco	Questões	Professor 1.	Professor 2.	Educadora 1.	Educadora 2.
Identificação	I.Idade: II.Docente da educação pré-escolar/ ou no 1ºciclo do ensino básico III.Tempo de serviço: IV.Idades/ Classe do grupo com que trabalha	I. 42 Anos II. 1ºciclo III. 21 Anos IV. 4ºano entre os 9 e 11 anos	I. 50 Anos II. 1ºciclo III. 29 Anos IV. 3ºano	I. 47 Anos II. Pré-escolar III. 23 Anos IV. 5 anos	I. 33 Anos II. Pré-escolar III. 10 Anos IV. 3 anos
Definição de indisciplina e disciplina. Principais variáveis que lhes estão subjacentes.	<ul style="list-style-type: none"> Na escola, como define uma criança <i>disciplinada</i>? E um grupo disciplinado? 	I.Uma criança disciplinada é uma criança que respeita as regras definidas por todos e estabelecidas logo no início do ano, uma criança que respeita o espaço dos outros, e por conseguinte não entra em conflito com os outros. Um grupo disciplinado é um grupo que se respeita como um todo, onde há espaço para todas as opiniões e que respeitam as mesmas regras, que têm que ser aceites por todos.	I. Uma criança que cumpre as regras definidas em conjunto no início do ano letivo . É um grupo cooperante com os princípios definido, compreendendo quando não cumpre, o que falha nas suas atitudes.	I.Um grupo ou criança disciplinadas são aquelas que cooperam com a rotina e mostram ser autónomos face às regras estabelecidas.	I.Uma criança disciplinada é uma criança que conhece e cumpre a rotina, sabe o seu lugar, quando e como arrumar. Na mesma medida qualifico o grupo disciplinado, sendo um grupo que dá continuidade à rotina.

	<ul style="list-style-type: none"> • Como define uma criança <i>indisciplinada</i> ? E um grupo <i>indisciplinado</i> a nível escolar? • Em termos gerais, como define disciplina/<i>indisciplina</i> na escola? 	<p>II. Uma criança <i>indisciplinada</i> não compreende onde o seu espaço começa e onde acaba, quer ser o centro da atenção, mas sempre pela negativa. Um grupo <i>indisciplinado</i> não compre as regras estabelecidas, nem se respeitam uns aos outros.</p> <p>III. O respeito pelo espaço é muito mais importante que o próprio conceito de disciplina ou <i>indisciplina</i>. Desde o início temos que fazer compreender o que cada um vem fazer à escola. O estabelecer objetivos, o compreender que o espaço onde estamos é de todos e que Há espaço para tudo torna a definição de disciplina mais fácil. As regras têm que ser estabelecidas, não pelo adulto, mas por todos, daí que considere as assembleias de turmas uma mais-valia. Assim disciplina é a ordem e o respeito que se tem pelo espaço de aprendizagem, a <i>indisciplina</i> será o contrário.</p>	<p>II. É uma criança que não cumpre o que foi inicialmente estipulado. Por vezes demonstram ser crianças egocêntricas com falta de regras de educação que já vêm da sua vida familiar. Os limites têm que existir desde muito cedo.</p> <p>III. Cumprimento de regras e de princípios definidos em conjunto pelos intervenientes. Neste caso professor, alunos e concordância dos encarregados de educação. A <i>indisciplina</i> é quando essas regras não são cumpridas pelos alunos.</p>	<p>II. São aqueles que não cooperam na rotina ou que manifestam comportamentos desadequados ao ambiente escolar, como por exemplo: falar alto, correr, não arrumar os brinquedos, bater nos colegas entre muitas outras coisas.</p> <p>III. Relativamente á disciplina, defino como seguir as regras da sala de acordo com a idade do grupo, participando nas atividades em desenvolvimento, a <i>indisciplina</i> para mim é exatamente o contrário.</p>	<p>II. Uma criança <i>indisciplinada</i> é aquela que destabiliza a rotina, o trabalho na sala, perturba sem razão aparente. Um grupo <i>indisciplinado</i> é aquele grupo que não trabalha, barulhento, que não faz o que se lhe pede, inicia uma e outra tarefa de seguida, sem terminar a primeira que iniciou.</p> <p>III. Eu entendo como disciplina, o trabalho que se realiza com estrutura, calma e eficiência, sem perturbação e com regras. Todo o trabalho que se faz que não tem fundamento, que não se entende, onde há barulho, revela <i>indisciplina</i>, falta de regras.</p>
--	--	---	---	---	--

	<ul style="list-style-type: none"> Quais os principais fatores que considera que interferem nos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina? Porquê? 	<p>IV. Se uma criança não é estimulada em respeitar os mais velhos em casa, logo aí temos os primeiros indícios de indisciplina, depois temos os que querem ser os centros de atenção pela negativa, pois acham que assim terão mais tempo de antena: cabe depois ao professor ser mediador destas personalidades todas e fazer entender que aquele espaço, não é um espaço qualquer, que viver em grupo, não é fácil mas é possível, e que para isso devemos trabalhar todos para o mesmo fim. Uma criança disciplinada para além de compreender muito bem o que vem fazer para a escola ajuda e respeita a diferença que os outros têm, em relação à ela e não entra em conflito. Mas ninguém nasce assim os estímulos exteriores, principalmente da família de início e depois, com a parceria escola família é que fazem uma criança ser disciplinada. Pois não é um trabalho solitário da professora tem que ser um trabalho em colaboração, se não acontecer não há resultados.</p>	<p>IV.A educação dada pela família ao longo dos 6 anos que antecede a entrada para a escola é muito importante mas existem também outros fatores como: a vida familiar que a criança teve ao longo dos anos, o meio onde vive, por vezes. Problemas económicos e consequente instabilidade familiar e também a forma de estar e pensar das famílias na sociedade atual.</p>	<p>IV.Para mim existem vários, mas um dos que penso ser aquele que interfere mais é o facto de existir falta de horários, ou seja rotinas e regras na própria família.</p>	<p>IV.A falta de regras é um dos principais fatores. Outro fator é a maturidade, a falta de concentração e atenção e ainda o não perceberem que há tempo para tudo, para brincar, trabalhar, estar a ouvir, estar a falar, comer, dormir e outros fatores.</p>
--	--	---	---	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> Pensa existir diferenças relativamente aos comportamentos entre rapaz e rapariga? Se sim exemplifique. 	<p>V. Por vezes, nem sempre!!! E nos tempos que correm cada vez se encontra menos diferenças.</p>	<p>V.Não!</p>	<p>V.Sim, penso que sim, porque para mim as raparigas são mais faladoras mas ao mesmo tempo calmas enquanto que os rapazes são mais agitados.</p>	<p>V.Acho que já foi mais notória a diferença de sexos. As raparigas agora são igualmente barulhentas, respondonas. O que se nota é que as raparigas cedem mais na partilha de brinquedos sendo mais tolerantes. Os rapazes são muito afirmativos.</p>
<p>Implicações da (in) disciplina das crianças nas práticas educativas</p>	<ul style="list-style-type: none"> Como se promove/ou deve promover a disciplina na escola? 	<p>I. Tento sempre estabelecer ligações desde cedo positivas e estabelecer regras que não são para quebrar. Existe um código que é acordado por todos, e que para cada lei existe multas. Uma das minhas frases preferidas é que cada ato tem determinada consequência e que tem que haver uma compreensão deste facto cedo, pois a nossa sociedade é mesmo assim. Eu não estou só a ensinar a ler e a escrever, estou a dar ferramentas para a vida. Como não trabalho sozinha acho que o contato direto e diário com os pais é importante, daí ter uma caderneta de comportamento</p>	<p>I._Para mim é principalmente através do diálogo.A definição conjunta de normas,regas que devem cumprir. Valorizar as atuações individuais e em grupo de todos os alunos. Conversar e saber avaliar em conjunto as atitudes menos corretas...Sem esquecer que é muito importante ouvir um pedido de desculpas e saber desculpar.</p>	<p>I.Mantendo a rotina, isto é, a consistência nas atividades, a elaboração de regras na sala e possibilitar a livre escolha de atividades.</p>	<p>I.Elaborando uma rotina diária, com tempos diferentes, de acordo com as atividades propostas e os objetivos pretendidos. Conhecendo as crianças, a rotina, o espaço e o adulto e estabelecendo as regras será mais fácil promover a disciplina na sala.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • Como costuma intervir em casos de crianças /grupos indisciplinados? • Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças? Porquê? 	<p>que não só ser para os comportamentos indisciplinados como para os disciplinados, pois não se deve só escrever os mau também devemos escrever quando se portão bem.</p> <p>II. Não se deve deixar que esses comportamentos ocorram ou se prolonguem, conversa comprida faz quem quer e quem deixa. Nunca devemos deixar que determinados comportamentos aconteçam ou se repitam, daí as sanções/ multas que não podem ser discutidas pois foram eles que as estabeleceram.</p> <p>III. Claro que sim, o tempo de despendem com os comportamentos fora da norma leva-os a não ouvir ou a perceber o que passa à sua volta, para além de perturbar os outros.</p>	<p>II._No inicio do ano definimos em conjunto o que pensamos ser importante para estar no espaço escolar e sentirmo-nos bem. Damos conhecimento aos pais no chamado contrato de comportamento. Caso sejam grupos muito indisciplinados há uma avaliação diária que vai para os pais em registo escrito e eles assinam e intervém sempre que consideram necessário. Há uma cumplicidade entre pais e professora.</p> <p>III._Sem dúvida. Porque não há a calma e o bem estar necessários para a aprendizagem.</p>	<p>II.Em casos de grave desrespeito relativamente ao grupo em si, termino a atividade do momento e tenho uma conversa com o grupo explicando que o seu comportamento irá ter consequências, como por exemplo as idas para o exterior ou a escolha de atividades. Se for apenas uma criança a destabilizar, retiro-a do grupo não permitindo que continue a atividade.</p> <p>III.Sim, se não houver capacidade de atenção e concentração, o processo de aprendizagem não decorre da melhor forma.</p>	<p>II. Depende dos casos de indisciplina, mas normalmente utilizo os castigos fora da sala, ou na sala de colegas onde as crianças são mais novas, termina a brincadeira que estava a fazer, não brinca com os brinquedos que vem de casa e não vai ao parque.</p> <p>III.Sim, penso que sim. Não quer dizer que a criança não aprenda, mas tem mais dificuldade em concentrar-se, em estar atenta, intervém sem sentido porque não ouviu, logo terá</p>
--	--	--	--	---	--

	<ul style="list-style-type: none"> E interfere no desempenho docente? Exemplifique Quais as principais dificuldades que sente relativamente à forma de promover a disciplina a nível individual/grupo 	<p>IV. Interfere quando se tem que parar o que se está a fazer para chamar à atenção, isso leva a perdas de tempo desnecessárias. Geralmente tenho sanções para este tipo de situações que levam a que estas sejam aniquiladas passado algum tempo.</p> <p>V. Até agora as dificuldades não têm sido muitas, as estratégias mudam conforme os grupos, mas tenho consigo manter a disciplina nas minhas aulas. Uso o meu tamanho, a voz, as regras e as multas, a caderneta, as assembleias de turma, as conversas sozinhos, e por vezes algum castigo de recreio, mas</p>	<p>IV.Sim. Quando há situações graves de indisciplina, do género alunos que nunca se sentam, interrompem constantemente os colegas e professor desobedecem mesmo quando o professor intervém, não dando ouvidos às repreensões, entre outras, é muito normal que o professor se sinta triste e se sinta mal consigo próprio interferindo na sua prática. Pessoalmente não gosto de ralhar e os meus alunos porque estão comigo há 3 anos apresentam na sua maioria bom comportamento. Há sempre que contar de um ano para o outro com as alterações da personalidade do seu crescimento.</p> <p>V. Os pais têm que apoiar as atitudes dos professores, estar do seu lado. Só em conjunto é que conseguimos contribuir para alterar comportamentos.</p>	<p>IV.Sim, causa desconcentração o que pode provocar alguma incapacidade nos tempos de grande grupo.</p> <p>V.Principalmente o facto de os pais não conseguirem continuar em casa as regras de comportamento desenvolvidas em sala.</p>	<p>mais dificuldades no seu sucesso escolar.</p> <p>IV.Sim. Exige mais de nós, em termos físicos e psicológicos, gasto de energia e depois a produtividade, criatividade, dedicação do adulto no trabalho é afectada.</p> <p>V.A maior dificuldade que sinto é no sentido que os pais não dão continuidade ao trabalho que desenvolvemos com as crianças, refugiando-se na falta de tempo, no stress, na falta de dinheiro e acabam por ter o efeito inverso.</p>
--	---	---	--	---	---

		<p>com estes tenho sempre que ter muito cuidado não vá o feitiço se virar contra o feiticeiro. Costumo dizer que estão de castigo até me lembrar... como sofro de má memória não dura muito, no entanto e o mais importante é sermos assertivos, coerentes e justos. Nunca se deve voltar atrás e só ameaçar de fazer aquilo que é possível, pois assim acreditam em nós e respeitam.</p>			
--	--	---	--	--	--